

Cova da Moura — “O CCB não é perigoso”

Este mês a Cova da Moura apresenta-se duas vezes no CCB. O bairro com pior reputação da Grande Lisboa leva trabalhos artísticos produzidos pelos seus moradores a um dos principais equipamentos culturais do país. Subitamente o bode expiatório entra na agenda cultural contemporânea. Que público vai ver o bairro maldito?

Faltava conhecer a segunda parte desta grande notícia dos ‘jovens do bairro terem feito filmes’: como iria ser recebido este visionamento pela Fnac, pelos seus clientes comuns, e quem iria ver estes filmes além dos seus autores e amigos? O auditório estava literalmente à pinha, cheio de moradores da Cova e respectivos amigos, jornalistas, uns cem negros mais meia dúzia de brancos, alguns deles caras conhecidas de instituições sociais e/ou culturais. O cliente comum que passa e espreita com curiosidade só para perceber o que se passa no auditório desta vez não reagiu com grande curiosidade, olhando à distância. Talvez este aglomerado também tenha intimidado quem mandou encerrar o funcionamento do bar da Fnac até o visionamento ficar concluído. Procedimento habitual durante os espectáculos ou visionamentos? Não, tratou-se de um procedimento extraordinário. Algum comportamento na assistência que levasse a estabelecer medidas diferentes do habitual? Não, pelo menos enquanto lá estivemos, do princípio ao fim do visionamento. Insistimos em pedir uma bebida mas levámos com uma redonda negra: “Não podemos, temos ordens para não servir nada até isto acabar”, responderam por detrás do balcão. Apesar do calor no auditório a audiência não ardeu pé até o último filme ser visto e aplaudido. Os documentários, curtos, são um nítido olhar dos moradores sobre o seu bairro, suas rotinas, questões quotidianas preocupantes ou que motivam orgulho. Falam de escolaridade, de desporto, das mulheres que cedo acordam para fazer limpezas noutros concelhos, de música, entre outros assuntos. Para os autores este momento na Fnac foi, mais que tudo, a legitimação destes trabalhos e da sua motivação.

Algum tempo mais tarde, no final de Março, o espectáculo de autoria da coreógrafa Filipa Francisco e co-autoria das dançarinas Wonderfull’s Kova M apresenta-se em ante-estrela na Cova da Moura. É final de semana, a sala da associação está cheia de moradores, familiares e amigos para verem «Íman». As bailarinas estão nervosas e ansiosas por conhecerem a opinião de quem foi ver o trabalho que ensaiaram durante meses. Apresentar um espectáculo de dança contemporânea em pleno bairro não é coisa que possa facilmente cativar os moradores, e elas sabem-no bem. Estão mais preocupadas com a opinião do bairro do que com a reacção do público que irá vê-las ao CCB. Filipa Francisco, que há bastante tempo queria trabalhar com a Cova da Moura, explica-nos o porquê de «Íman»: “havia a necessidade de desmistificar a ideia de que não se faz nada de positivo no bairro e perceber que é um preconceito pensar que há zonas onde a arte contemporânea não pode entrar. Durante anos trabalhei com os teatros e os centros de arte à séria onde há uma tendência para trabalharmos para um público que tem possibilidades económicas, que consegue estar informado, e na verdade comecei a sentir um grande vazio e a perguntar-me para que é que servem os meus espectáculos. Se são só para gente que entende a arte e teve estudos, então se calhar não me interessa que seja só para isso. Abri o leque de possibilidades de trabalho e comecei a trabalhar a dança em estabelecimentos prisionais, e posso dizer que me encontréi. São projectos muito duros mas há uma energia que volta, esse vazio é preenchido, trabalha-se com pessoas que dão muito. O «Íman» foi surpreendente porque foi feito de um encontro, não cheguei aqui com uma ideia que meti em cima da mesa. Se não se envolver as pessoas no seu todo a peça fica só conceptual, formal, e deixa de ser emocional e ter o lado humano. Isso nota-se nesta peça.”



Texto: CARLA ISIDORO
Fotos: «ÍMAN» DE ANA BORRALHO [1,2]
stills dos filmes «OLHOS NOS OLHOS»
COM A COVA DA MOURA» [3,4,5,6]

No final de Janeiro a Fnac do centro comercial Colombo anunciava passar uma série de filmes realizados por jovens da Cova da Moura onde o tema era o bairro em si, as suas pessoas e particularidades que pudessem ser captadas em mini documentários. A notícia deste visionamento foi, estranhamente, difundida de forma massiva nos telejornais e na imprensa e parecia estar a divulgar-se o trabalho inovador de jovens artistas premiados e não os mal afamados moradores da Cova da Moura.



Entram em palco sete raparigas que deslizam suavemente ao lado umas das outras e mexem as mãos ondulando-as. Depois ficam imóveis batendo com elas contra o peito marcando fortemente o Batuque, um dos ritmos tradicionais de Cabo Verde. Em fundo a música é outra, desarticulada e minimal, que as obriga a um jogo de concentração e abstracção exigente, e a entrarem numa nova forma de expressividade à qual não estão habituadas. As Wonderfull’s Kova M são um grupo de bailarinas que usualmente acompanha rappers em concertos ao vivo. “No início era tudo novidade e corria bem, mas depois senti a energia delas a baixar, começaram a faltar aos ensaios, mas consegui agarrá-las porque este espectáculo ia acontecer a meio caminho até ao CCB. Hoje elas perceberam que estão a dançar bem, as pessoas do bairro gostam, o caminho percorrido era importante e não podia ser outro. Agora é manter o grupo unido até às próximas apresentações.”

Os moradores da Cova da Moura não vão, regra geral, ao CCB ver espectáculos. São ambientes que não se tocam. Será que o público do Centro Cultural de Belém, genericamente falando, quer ver a Cova da Moura em palco? Ou será que, em pleno ano para o diálogo intercultural, fica bem ir lá mostrar que se é tolerante? Será que também vão parar o serviço de bar? Filipa Francisco tem uma certeza: “Espero que sejam encontradas estratégias para lá levar o público da Cova da Moura, nem que seja alugando autocarros para ir em conjunto ao CCB, ir em família em vez de cada um ir por si. A ideia é levar o bairro ao CCB. Tal como estamos a tentar mostrar que o bairro da Cova da Moura não é perigoso, também queremos dizer o contrário, que o CCB não é perigoso”, remata Filipa Francisco rindo-se.

Paralelamente, os autores dos documentários estão entusiasmados com a ideia de agora levarem os filmes ao Museu Berardo, no âmbito da exposição «Gérald Bloncourt, Por uma Vida Melhor», uma programação que pretende reflectir e discutir o tema das migrações. Sara Gomes, da produtora Até ao fim do Mundo responsável pelo projecto dos filmes, não tem dúvidas: “Acima de tudo os jovens têm esperança que as pessoas passem a ver o bairro de outra maneira (...) Acho que as instituições se começam a abrir para ‘outras formas de arte’. Levar a Cova da Moura ao Museu Berardo parece-me uma prova inquestionável disso mesmo.”



Heidir Correia, co-autor de um dos documentários, sente que a fama da Cova da Moura pode até ser favorável: “Há bastante tempo que se fazem projectos interessantes no bairro mas só agora é que há interesse neles. A Cova da Moura gera grandes audiências na televisão, há muito share com as notícias do bairro, mas o bairro agora é mediático para os dois lados. Antigamente só o que era mau é que passava mas as coisas estão a mudar, é um facto. Ir ao CCB é um privilégio, não sei quem vai ver os nossos filmes mas acredito que muita gente poderá ir pela curiosidade de ver a Cova da Moura e ver que tipo de filmes fizemos. Estamos em fase de mudança. Acho que se voltar a acontecer alguma coisa negativa no bairro os jornalistas vão pegar com mais cuidado.”

A RTP já comprou os documentários que serão exibidos em horário nobre na RTP1.

Dia 10, 16h: DOCUMENTÁRIOS NO MUSEU BERARDO, CCB
Dias 30, 19h e 31, 17h: «ÍMAN» NO PEQUENO AUDITÓRIO CCB
Dia 1 Junho, 19h: «ÍMAN» NO PEQUENO AUDITÓRIO DO CCB